

Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, 22 de junho de 1998 - ano II, nº 22.

Boletim

A balada do cego Faustino

Germana H. P. de Sousa

Viva o povo brasileiro - João Ubaldo Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Segundo Umberto Eco, toda obra de ficção literária é uma mescla de ficção e realidade pois "temos de admitir que, para nos impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover até com o mais impossível dos mundos, contamos com nosso conhecimento do mundo real". Em *Viva o povo brasileiro*, romance de João Ubaldo Ribeiro publicado em 1984, o autor assumidamente recorre ao mundo real, à História do Brasil ao retratá-la citando datas, fatos e feitos que permearam a caminhada do país desde a colonização até o final dos anos 70. Todavia, sua intenção não é apenas reescrever a nossa História, é antes, travestindo-a de um novo sentido e servindo-se de elementos ficcionais como personagens e situações, buscar no emaranhado desse passado, ao mesmo tempo próximo e distante, as nossas raízes mais profundas. Não aquelas que de tão alardeadas já perderam a capacidade de explicar-nos, como é o caso, por exemplo, da mistura de raças, mas outras, mágicas, transcendentais, passíveis de explicação unicamente por meio de uma alegoria - a Irmandade do Povo Brasileiro e sua representação simbólica, a *canastrinha* -, alegoria esta que se completa com o sentimento de fazer parte de um todo do mundo que é a própria humanidade, *O Espírito do Homem* universal.

João Ubaldo põe em cena personagens históricas e baseia-se no contexto histórico para criar personagens possíveis de terem existido em determinado momento de nossa História. Entretanto, não se limita simplesmente a reproduzir determinado contexto por meio de quadros descritivos, como seria feito em um romance histórico do século passado, mas procura contar a sua versão de como o povo foi vítima dessa História. Aqui se faz uma tentativa de trazer o povo para "diante da cena" e mostrá-lo agindo e sentindo o seu tempo em oposição à classe dominante, aos antepassados da atual elite brasileira. A partir dessas duas visões opostas da realidade, assistimos ao desenrolar do conflito que perpassa toda a intriga, da colonização até os anos 70.

O romance conta a saga de quatro famílias de Itaparica ao longo de um período que vai de 1647 até 1977 e suas andanças pelo Brasil. A narrativa começa *in media res* em 1822, não por acaso ano da proclamação da Independência do Brasil da coroa portuguesa, no momento da morte do Alferes Brandão Galvão, quando é introduzida a alegoria da origem das "alminhas" brasileiras. Depois, através de sucessivos recursos às técnicas do *flashback* e do *flashforward* e de

flashbacks embutidos (Eco), o narrador avança e recua no tempo criando um distanciamento entre o tempo da história contada (tempo do significado) e o tempo da narrativa (tempo do significante). O romance é composto de duas partes, divididas em 10 capítulos cada uma, cada capítulo sendo subdividido em pequenos trechos encabeçados pela designação do espaço, data, mês e ano em que ocorre o fato narrado, o que permite reconstituir toda a seqüência temporal. A negociação entre as duas seqüências temporais, juntamente com o avançar e recuar no tempo, tem como consequência um efeito de tensão que se sobrepõe ao conflito, ao mesmo tempo em que o reforça. Por outro lado, mantém sempre um foco da intriga em relevo (ou vários ao mesmo tempo, desde que em momentos diferentes).

Um exemplo dessa distorção temporal é o início e fim da intriga (20/12/1647 e 25/5/1972) não corresponderem ao início e fim da narrativa (10/6/1822 e 10/3/1939), desviando assim a atenção do leitor para dois outros momentos mais importantes: a morte do Alferes Brandão Galvão e a revelação de que sua "alminha" então desencarnada era a do tupinambá Capiroba; e a visão da *canastra* pelos dois ladrões após a morte de Patrício Macário, seu guardião. Assim revelam-se dois fatos cruciais da intriga, a decisão dessa "alminha" de se tornar uma alma brasileira para sempre e a revelação de que embora a visão do futuro seja negra (2ª Guerra Mundial) ainda há esperanças.

Cada subparte datada coloca em cena uma ou mais personagens, na qual o discurso do narrador em terceira pessoa é aos poucos contaminado pelo discurso da personagem, evoluindo, na maioria das vezes, para "monólogo narrativizado" (D. Cohn). O efeito conseguido é o de fazer o leitor compartilhar todas as emoções da personagem e introduzir no romance vários tipos de linguagens diferentes, uma para cada um deles. Também conhecemos as suas diferentes visões de mundo através de seu próprio discurso. Por outro lado, temos uma reflexão sobre o escrever o romance e as dificuldades encontradas pelo narrador diante da eterna frustração do ato de narrar, de representar através da escrita o mundo das sensações humanas: *Muitas coisas neste mundo não podem ser descritas, como sabem os que vivem da pena, azafamados entre vocabulários e livros albeios, na perseguição da palavra acertada.*

A voz desse narrador ganha mais tarde um duplo, que é a voz do cego Faustino que vem de Vila Nova da Rainha em direção a Canudos. O cego reconta toda a história da bandoleira Maria da Fé (*começo pelo começo, ou seja, o princípio do mundo*) e, ao mesmo tempo, refaz a própria intriga do romance. Esse episódio tem por objetivo ilustrar a transmissão da sabedoria do mundo através dos tempos, por meio da

(continua)

VIVA O POVO BRASILEIRO

A balada do cego Faustino

(continuação)

narrativa oral dos mitos, dos contos e das crenças, o que permite contar uma h(H)istória que não é contada nos livros, por isso diz: *a História não é só essa que está nos livros, até porque muitos dos que escrevem livros mentem mais do que os que contam histórias de Trancoso (...) se sabe que toda a História é falsa ou meio falsa e cada geração que chega resolve o que aconteceu antes dela.*

Assim, o cego Faustino acaba por trazer à tona o papel da própria literatura, não importa se oral ou escrita, que é justamente o de resgatar essa memória perdida do povo e retransmiti-la para as gerações vindouras, literatura esta que deve servir de contraponto à História oficial, ser uma outra voz para o despertar da nossa memória e da nossa consciência. Assim também, a literatura deve trabalhar com seus próprios meios, uma vez que não tem compromisso com a objetividade, nem com a "verdade".

Por isso é que ao invés de redigir um tratado sobre nosso povo, João Ubaldo, como o cego Faustino, prefere criar sua própria explicação para nossa origem, e para a origem de nossas penas. Tudo começa quando a "alminha" do Alferes resolve ser uma "alminha" brasileira e, depois de ter encarnado em Capiroba, acaba por encarnar em Maria da Fé, a "bandida" de nome sugestivo que ingressa na Irmandade do Povo Brasileiro fundada tempos antes pelo grupo que foi responsável pelo assassinato do barão Perilo Ambrósio. Assim, Maria da Fé é duplamente predestinada: é a alma do Alferes, eternamente sonhadora e ingênua, e também é a descendente da cabocla Vú, aquela que tiveram de enterrar viva porque não se submetera à escravidão.

A Irmandade tem como símbolo a *canastra* cuja função é guardar uma parcela do conhecimento que, pouco a pouco, os personagens vão adquirindo com a vivência e a luta por justiça. Seu objetivo maior é fazer o povo entender que *ele é o povo desta terra*, como disse Dafé.

Certamente, todos aqueles que não acreditam nessa força estão ligados aos interesses dos dominantes, que insistem em afirmar ao longo do tempo (o tipo de linguagem pode até mudar mas o discurso é o mesmo) que o povo brasileiro é feito de *uma gatinha imprestável e preguiçosa, que só gosta de tomar cachaça*. *Viva o povo brasileiro* mostra através da Irmandade que o povo brasileiro nunca teve chance de redenção, mas que com o desejo de transformar este país num ideal de liberdade e justiça se conseguirá fazer dele uma Nação:

o povo brasileiro não está só. Não porque tenha aliados, pois só quem tem aliados são os governantes, mas em razão de uma causa comum a todos os homens, por mais que não pareça assim, mesmo porque o Mal existe. Mas o Espírito do Homem também existe (...) O Espírito do Homem é universal e aspira à plenitude e à graça, (...) que se traduz na paz final de existir sem que se veja a existência, existir como essência, só existir.

Segundo as palavras de Patrício Macário, o General Brasileiro e companheiro de Dafé, devemos acreditar que a luta pelo Bem não está perdida: **VIVA O POVO BRASILEIRO!**

Germana H. P. de Sousa é professora do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília.

POEMA

Manhã

Dora Duarte

O sol da manhã jogou a sombra do menino
Rente ao chão
Ao meio dia a sombra do menino
Meio molengo de sol
Alcançou a parede do muro
Tardezinha a sombra do senhor jogou-se
Esmorecida na calçada
Noite alta sombra alguma
Homem nenhum

Com esta edição, Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim encerra sua existência. Durante um ano e meio, ele foi o veículo de divulgação das atividades do Grupo de Trabalho em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Agora, cede espaço para Só Lâmina - Revista de Literatura Brasileira Contemporânea, publicação do Instituto de Letras da UnB, cujo primeiro número será lançado no segundo semestre de 1998.

As 23 edições deste Boletim continuam disponíveis na internet, no endereço <http://www.unb.br/il/tel/boletim>, onde também é possível encontrar as normas para a apresentação de colaborações para Só Lâmina. A revista vai publicar artigos sobre todos os aspectos e gêneros da literatura brasileira contemporânea, bem como entrevistas, depoimentos, poemas, contos e capítulos de romance inéditos.

O GT volta a se reunir assim que recomeçarem as aulas na UnB, para programar suas atividades futuras.

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rdal@guarany.cpd.unb.br
Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim na internet: <http://www.unb.br/il/tel/boletim/>